

## O SOFÁ ESTÁ NA RUA: ETNOGRAFANDO RITOS DE ENCONTRO E AS REDES DE SOCIALIZAÇÕES NA REGIÃO DO PORTO EM PELOTAS

ÍCARO VASQUES INCHAUSPE<sup>1</sup>; FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA NETO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – icarovasques@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – francisco.fpneto@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende primeiramente abordar diferentes formas de pensar conceitualmente o ‘viver na cidade’, e a posteriori, expor dados etnográficos que evidenciem as ações vividas por meio de práticas e fenômenos socioculturais contemporâneas ‘na’ e ‘da’ cidade como apontam ECKERT; ROCHA (2003), de forma a perceber estando de ‘perto e de dentro’ de MAGNANI (2002) como, onde e porque as pessoas – individualizadas no coletivo constroem seus sentidos e significados.

Passado o tempo, e modificadas as perspectivas antropológicas, que serviram para ampliar os horizontes tanto teóricos quanto metodológicos e principalmente etnográficos, a partir de novos olhares complexos em escala mundial e global, permeada pelos fluxos, mobilidade, recombinação e emergencia passam a fornecer contextos para nossa reflexão sobre a cultura (HANNERZ, 1997, p. 7).

Contudo, o que se apresenta aqui e agora, é induzir o olhar antropológico para uma complexidade social contemporânea que se urbaniza em outros tipos de movimentos e contextos – por ventura, pós-industrializada e agora tecnológica, onde as relações sociais são produzidas, reproduzidas, configuradas e reconfiguradas por meio de suas vivencias, sobrevivências e [cybervivências<sup>1</sup> , grifo meu] já que estamos inseridos numa cybercultura, cada vez mais aparentada por meio de equipamentos tecnológicos fazendo parte do polo urbano produzindo novas formas de sociabilidade, lazer, entretenimento e também de comunicação. Vivemos nos ‘tecidos reais-digitais na forma de complemento da vida’.

Então, é neste contexto que surge este ‘novo jogo’ – a vida – e neste jogo que se criam as regras. Jogo que é jogado na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul. Com a possibilidade de tentar dar conta de como as regras são constituídas a partir do campo deste jogo, chamado de Sofá na Rua. Os personagens em sua maioria são jovens. Logo estes jovens alinham-se e movimentam-se em direção a paisagem do pórtico, na cidade de Pelotas integrando ao cenário local urbano industrializado e dito ‘marginalizado’, que lá estão em contato e jogando o jogo.

A pesquisa ainda em andamento da qual procuro me debruçar é: compreender como se constroem os encontros destes jovens e como são produzidas as redes de sociabilidades neste espaço. Seria então, num olhar participativo (antropológico) perceber tais relações destes grupos, de forma a chamar a atenção para o formato destes *circuitos de encontros* produzindo formas de sociabilidade desde a utilização e apropriação do espaço público enquanto ação, produção e criação do lazer. Assim, meu objetivo é descrever a partir de uma etnografia que aponte para as permanências e regularidades por onde estes grupos passam, transitam e se agrupam, tomando objetivamente em pensar nas

<sup>1</sup> Termo criado pelo autor. Refiro-me à noção de experimentações a partir da vida digital. Cybervivencia refere-se ao espaço da cybercultura - o viver na e (com) a era digital.

conexões com a cidade e a rua e suas interfaces com a paisagem e com seus atores.

## 2. METODOLOGIA

Partindo da etnografia como método de investigação de campo para a antropologia desde o seu criador MALINOWSKI (1976) descrevendo as atividades dos nativos das Ilhas Trobriandesas a partir da observação participante em Argonautas do Pacífico Ocidental (1922). Desde então o método etnográfico é o fazer antropológico para a disciplina, e com isso foi-se modificando e repensando as multiplas variedade da etnografia nas mais diversas sub-áreas da antropologia.

No presente trabalho, situado em um contexto urbano, utiliza-se também da etnografia a partir da observação participante ou *participação observante* ou ainda de observação flutuante de PETONNET (1982) permanecendo a atenção disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes.

Tal prática de observação de pesquisa em contextos de rua, e aplicado nesta pesquisa, é preciso traçar um estilo a partir da etnografia da duração por ECKERT; ROCHA (2000;2011) por meio de uma descrição etnográfica dos itinerários dos grupos urbanos da cidade. Itinerários que devido aos fluxos que transpõem atualmente qualquer noção de fronteira geofísica, está sempre em movimento. Movimentos que estão sempre em devir.

Por tanto, objetivamente em termos e dados etnográficos observados e coletados no caderno de campo como instrumento de pesquisa, onde o pesquisador frequenta mensalmente as ações do seu objeto pesquisado – Sofá na Rua, dá a dimensão do que é o processo de imersão que caracteriza a pesquisa etnográfica: trata-se de uma experiência que nenhuma outra abordagem proporciona pois tem como pressuposto o contato com o *Outro* (o fazer antropologia e a especificidade do próprio métier do etnógrafo), nos termos - espaço, temporalidade, códigos - deles; é uma experiência-limite, que transforma uns e outros (MAGNANI, 1997) como um único texto expandido, a importância deste último reside no fato de constituir “um inventivo texto polifônico, e um crucial documento na história da antropologia porque revela a complexidade dos encontros etnográficos (CLIFFORD, 1986).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as ruas Conde de Porto Alegre e Benjamin Constant é que acontece o Sofá na rua, e a partir de lá que os mais variados grupos e pessoas de outros lugares da cidade integram e encontram-se com os demais moradores do bairro da região do porto formando os ‘ritos de encontro’. No meio desta rua fica localizada dentre a composição dos prédios fabris, este ainda utilizado, o chamado ‘Galpão Satolep’ (leia-se de trás para frente *Satolep* = *Pelotas*) ou mais conhecido como ‘Galpão do Rock’. Nos dias da semana, durante a noite funciona como uma casa de show, onde abriga os mais inúmeros estilos musicais (hip-hop, rap, funk, rock and roll é claro, entre outros ritmos musicais que cruzam o diversificado espaço artístico-musical). Mas aos domingos, quando acontece o Sofá, torna-se um ‘segundo espaço’ de encontro, principalmente para os grupos mais ‘discretos’ que não querem ser ‘vistos’ pela grande maioria, e ali se relacionam afetivamente, tornando uma ‘rota de fuga’ com a desculpa para utilizar o banheiro, tornando um *sub-ponto* de encontro.

Ainda neste mesmo espaço asfáltico é onde acontece o “Sofázinho”, composto por atividades artísticas para os ‘pequenos’ (crianças de 1 a 6 anos) onde desenvolvem atividades lúdicas, como pintura, desenhos e montagem de quebra-cabeças e outras brincadeiras. “A verdade é que os processos educativos autônomos se dão informalmente há muito tempo, nas brincadeiras de rua, no esporte de várzea” (FEIXA, 2016). Além de todas as atividades mencionadas nesta edição do Sofá (edição número 47) o evento vai se remodelando a partir de determinadas pautas que se integram ao decorrer dos meses que acontecem as atividades (exemplo: festa junina - junho ou ‘julina’ – junho, hip-hop, rap, skates, teatro, cinema, e outras datas comemorativas) ou propósitos que são construídos e criados.

Ao anoitecer, os pequenos grupos familiares (já adultos) saem de ‘cena’ e lá e o espaço juvenil toma conta. A festa começa, e vai noite a dentro e depois ‘vaza do Sofá’ para outros pontos da cidade. Segundo o comerciante de pipoca, Osmar, que se desloca com sua carrocinha de sua casa até o local do evento, todos os meses, frequentador assíduo do Sofá, diz que o grupo é heterógeno, e quase nunca são os mesmos. “Às vezes, a gente conhece um e outro. Mas quase nunca são as mesmas pessoas”. Seria o se reconhecer, mas sem se conhecer?

Desse modo que é preciso pensar em ritos de passagem, ritos da alteridade, que sempre estão em movimento num espaço tão plural e diversificado. Trazendo a noção de rito, (TURNER, 1986, p.165) coloca os ritos de passagem como estratégias que visam produzir efeitos de estranhamento em relação ao familiar. O *outro*, ou os *outros* no Sofá, se dão desde grupos ativistas veganos, grupos sociais e artísticos como o de hip-hop e rap: ‘os *manos*’ assim como os mais tradicionais gaúchos ‘*pilchados*’ também se encontram, tem a galera da ‘*boldin*’ do gênero musical advindo do reggae. Grupos atléticos como os frequentadores das academias, os ‘*bombados*’ também podem ser encontrados. Há também a ‘galera das *motos*’ e dos ‘*rebaixados*’, e sem falar nos grupos LGBTTQQ+. São as alteridades em encontro na paisagem do urbano que produz a ‘diversidade’. ‘Antropologizando’ com as palavras: é a diversidade produzindo a diversão na cidade.

A partir do deslocamento do lugar olhado das coisas, conhecimento é produzido e adquire densidade. Coloca-se como ponto de partida para entender estes ritos de passagens, como as próprias sociedades sacaneiam-se a si mesmas, brincando com o perigo, suscitando efeitos de paralisia em relação ao fluxo da vida cotidiana. Isso através de ritos, cultos, festas, carnavais, musicas, dança, teatro, procissões, rebeliões e outras formas expressivas de viver a vida.

#### 4. CONCLUSÕES

Tendo em vista o andamento da pesquisa, procurou-se trazer este pequeno e breve recorte sobre antropologia urbana, trazendo alguns dados etnográficos iniciais, de forma a pensar como neste movimento urbano contemporâneo podem ser entendidas e construídas as expressões urbanas por meio dos ritos de passagem e ‘peregrinações’ de ocupação, apropriação e utilização dos espaços na cidade, produzindo assim, encontros e formas de sociabilidades em determinados grupos urbanos.

Ao propor estes encontros e movimentos como regulares, opostas ao que já denominamos de nomadismo, afirma-se que somente com uma etnografia bem localizada e estando de perto e de dentro é que se pode esclarecer, identificar e descrever quais motivos que os une, suas motivações, seus contatos, e suas atividades. A urbe, a rua e as pessoas não estão e não podem ser colocadas

como pontos diferenciados - deslocados. A cidade, o cenário e a paisagem estão conectadas, e são inseridas numa contínua modificação a partir da escolha de grupos e pessoas que lá se inserem de modo a dinamizar o espaço vivenciado e experimentado.

Num sistema de significados, onde as 'coisas' são abstratas, é preciso preencher o vazio de significado, atribuindo sentimentos, valores, e modos de utilizar o espaço, é preencher o vazio de significado em torno de uma linguagem: e essa linguagem é urbana, rural, periférica, e de pórtico. É preciso pensar na(s) alteridade(s) não como diferença, mas como adição, colocando a relação e a própria condição de uma antropologia *nós/outras* numa nova concepção de alteridade: não a da exclusão, mas de aproximação, e que permita integrar tais experiências e pensar nos fenômenos socioculturais por meio dos mais diversos encontros.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD. J. **Writing Culture: The poetics and politics of ethnography**. A School of American Research. University of California Press. London, England. 1986.

FEIXA, C. Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social\*/Generation#. Youth movements in the hiperdigital age/Geração#. Movimentos juvenis na era hiperdigital. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 1, p. 107-120, 2016.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17 (49), jun., São Paulo. 2002.

\_\_\_\_\_. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, n, 1, maio de 1997, São Paulo.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1976.

PEIRANO, M; J, C. **Etnocentrismo às avessas: o conceito de "sociedade complexa"**. Fundação Universidade de Brasília, 1982.

PETONNET, C. "L'observation flottante, l'exemple d'un cimetière parisien". In: **Revue L'Homme**, Octobre/Décembre, numéro XXII 4, pp. 37 a 47, Paris, CNRS. 1982.

ROCHA, A, L, D; ECKERT, C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, N. 7, 22 p., 2003.

\_\_\_\_\_; **Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais.**" Política & Trabalho 34, 2011.

TURNER, V. Dramas sociais e metáforas rituais. **Dramas, campos e metáforas**, p. 19-54, 2008.